

RESGATE HISTÓRICO DO BAIRRO RURAL CORREINHA E SUA TRANSFORMAÇÃO EM BAIRRO URBANO - MUNICÍPIO DE PIRANGUÇU/MG

Fábio Kléber Claro da Silva¹

Resumo

A lógica de mercado fez com que os bairros rurais sofressem constantes transformações ao longo do tempo. Esses bairros, que antes eram caracterizados por práticas agrícolas e pastoris, vêm cada vez mais assimilando os “valores urbanos”, como o aumento de atividades comerciais e industriais, ganho de infraestrutura e uma crescente heterogeneidade da população em relação aos comportamentos e funções sociais. O bairro Correinha, no município de Piranguçu-MG, vem sofrendo um processo de urbanização por conta dessas mudanças, e o presente trabalho pretende resgatar o histórico do bairro, a fim de entender suas transformações espaciais.

Palavras-chave: Reestruturação espacial, Urbanização, Resgate histórico, Correinha, Piranguçu.

Introdução:

Os bairros rurais, de maneira geral, estão sofrendo grandes modificações, não somente em suas estruturas, mas também em suas espacialidades, funcionalidades e paisagem. Isso ocorre devido a um processo natural de apropriação capitalista dos espaços, que agrega valor e transforma o solo e a terra em valor de uso e de troca.

Essas modificações, por sua vez, geram consequências para as partes envolvidas, para o lugar e para o local. A noção de pertencimento se modifica. As atividades são diferentes. O solo ganha outros usos, assim como as construções. As tradições e costumes mudam e as práticas e a vida cotidiana são alteradas. Enfim, são transformações importantes, e por isso, tais reestruturações no cotidiano rural não devem ser negligenciadas.

O presente trabalho visa estudar e analisar essas reestruturações no contexto do bairro Correinha, no município de Piranguçu-MG, com base em seu histórico. O mencionado bairro está sofrendo um processo de urbanização, que se iniciou com a chegada de infraestrutura na década de 1990 e atualmente está sendo retomado.

O município de Piranguçu se situa na Mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas Gerais, e na Microrregião de Itajubá, em seu extremo sul, fazendo divisa de estado com dois municípios paulistas – Campos do Jordão e São Bento do Sapucaí – e com mais quatro

¹ Discente do curso de Geografia – Bacharelado da UNIFAL-MG. E-mail: fabkcs@yahoo.com.br

municípios mineiros, que são Itajubá, Wenceslau Braz, Brazópolis e Piranguinho. A população total do município é de 5475 habitantes, sendo que cerca de 60% da população reside na zona rural do município (estimativa IBGE, 2015). Ocupa uma área de 203,619 Km², tendo uma densidade demográfica de 26,888 hab./Km² (IBGE, 2015).

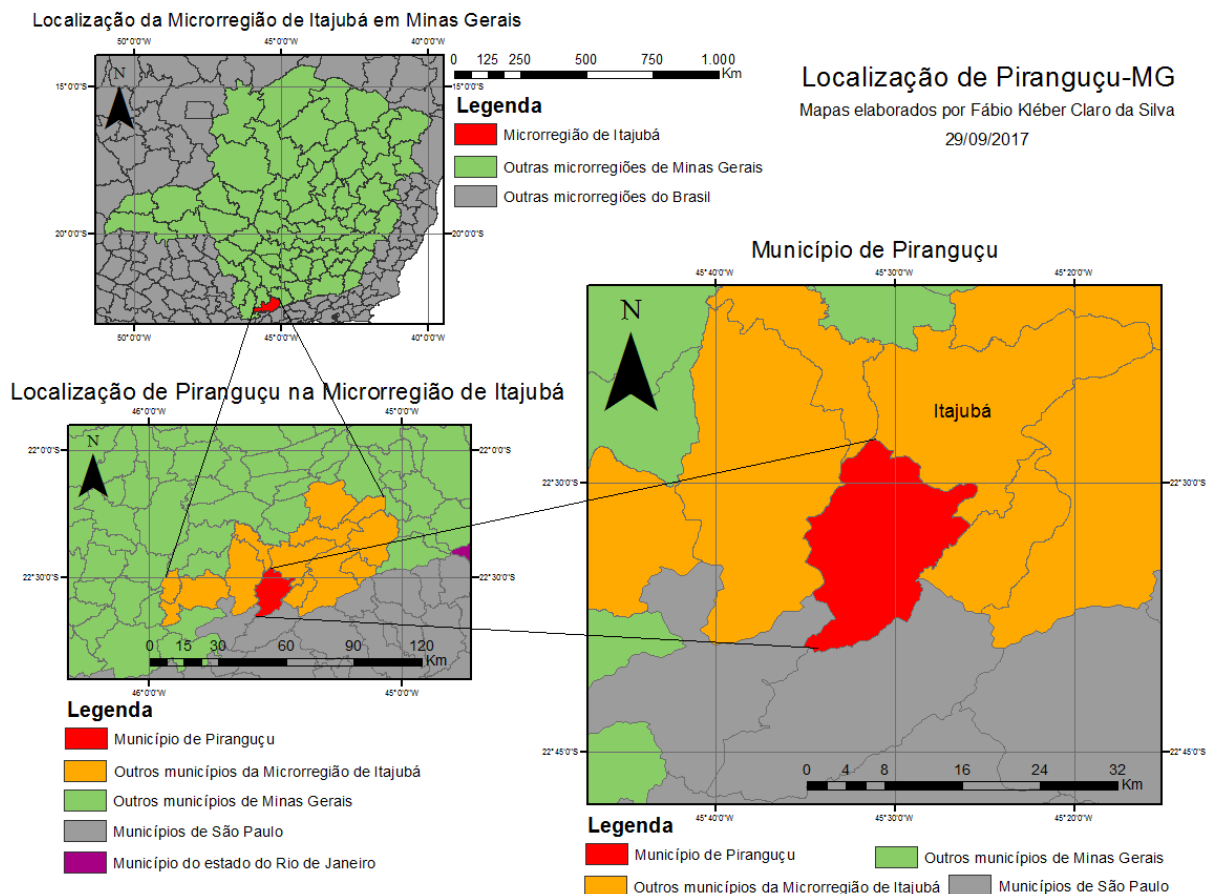


Figura 1. Mapa de localização de Piranguçu-MG. Fonte: Base de dados IBGE, 2017. Elaborado por Fábio Kléber Claro da Silva, em 29/09/2017. Datum utilizado: SIRGAS 2000.

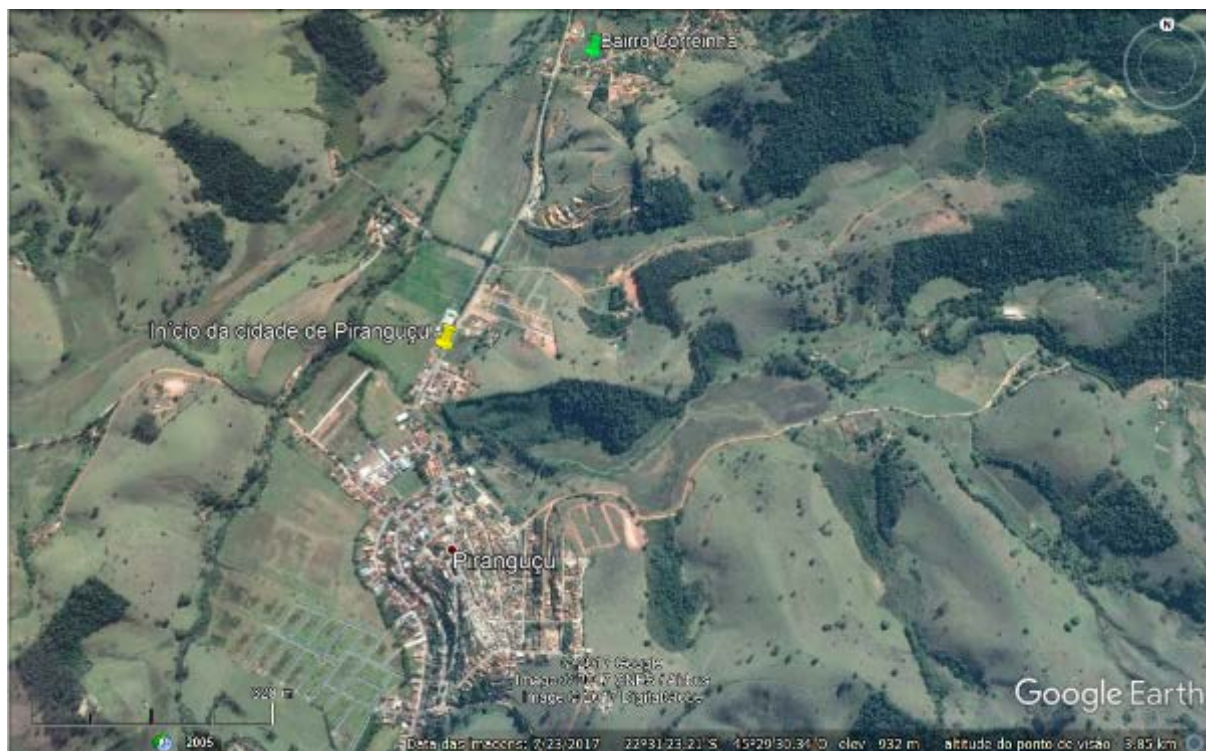


Figura 2. Imagem de satélite da cidade de Piranguçu e do Bairro Correinha. Extraído de: Google Earth, em 30/09/2017.

O bairro Correinha é o bairro rural mais próximo da sede do município (cerca de 2 km). Embora tenha grande número de moradores, por volta de 400, possui uma infraestrutura precária. Apesar de ser rural, o bairro não apresenta produção agrícola e cada vez mais se aproxima das características urbanas, em detrimento das rurais, em especial em termos socioeconômicos. A principal atividade econômica do bairro é o pequeno comércio local e serve como apenas um “bairro dormitório”, fornecendo mão-de-obra às indústrias e comércios da cidade e municípios vizinhos, sobretudo para Itajubá, centro local de sua Microrregião. Porém nem sempre foi assim. O bairro apresentava características agropastoris, não possuía infraestrutura e a população residente à época era muito mais homogênea e mais ligada a atividades agrícolas para subsistência e venda de excedentes.

Esse trabalho tem como premissa resgatar a história do bairro rural Correinha, no município de Piranguçu, de modo a compreender seu processo de transformação em bairro urbano.

Foram usadas, para a elaboração do presente trabalho, pesquisa e revisão bibliográfica em livros, artigos e teses, físicos e virtuais, bem como em artigos disponíveis em revistas eletrônicas, principalmente abordando conceituações sobre bairros rurais, aplicação de

questionários com os moradores mais antigos do bairro e elaboração e utilização de mapas e imagem de satélite. Busca-se com esse trabalho a análise do lugar e de suas transformações, de modo a compreender os processos de transformações espaciais.

Bairros rurais como categoria geográfica

Inicialmente deve-se conceituar os pequenos municípios e pequenas cidades. Segundo Fresca (2010), o pequeno município implica em área territorial, mas não a sede urbana de cada município. De fato, o aglomerado urbano define a cidade, pois, como salienta Lencioni (2008, p. 116).

Na conceituação de cidade, excluindo-se, portanto, a ideia que nega a incorporação da população voltada às lides do campo, bem como a de tamanho da população, mantém-se as ideias de aglomerado, sedentarismo, mercado e administração pública, que parecem constituir referências importantes na conceituação de cidade.

Porém, a pequena cidade possui características do rural e do urbano. As atividades agrícolas, de produção de insumos e matérias-primas ainda estão fortemente ligadas ao cotidiano desta. Além disso, a cidade também “se caracteriza por ser um centro local, isto é, um centro que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, [...] onde vive uma população dispersa dedicada sobretudo às atividades agrárias” (CORRÊA, 2011, p. 6-7).

As características rurais e urbanas são importantes na compreensão da cidade. Lima (2007) dá uma definição de rural como sendo caracterizada por: predominância da dedicação de sua população às atividades agrícolas e pastoris; maior contato do homem rural com a natureza; pequeno tamanho da comunidade de modo a garantir a proximidade entre a residência e o local de trabalho; baixa densidade populacional; maior homogeneidade da população rural quanto às crenças, linguagem, opiniões e padrões de comportamento; menor mobilidade social da população rural; migrações ocorrerem sempre do campo para a cidade exceto em catástrofes; menor diferenciação social e menor estratificação da comunidade rural; menor interação social entre os membros de uma comunidade rural que de uma urbana. Porém, o rural tem sofrido modificações ao longo do tempo. Vale (2005, p. 25) contribui com a discussão, uma vez que o modo de vida e o relacionamento das pessoas com o espaço “tendem a se adequar cada vez mais ao modo de vida urbano, especialmente sobre a

influência do consumo, que caminha cada vez mais no sentido da generalização, seja no campo, seja na cidade”.

Os bairros, além de unidades territoriais, são lugares identitários e que possuem uma representação. Halley (2014, p. 585) discorre sobre o assunto, afirmando que:

O bairro é entendido como um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradouras relações de familiaridade, vizinhança e compadrio. É ainda evocado como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica.

Sobre os bairros rurais, Coutinho (2011) observa que há processos renovadores nessas áreas sem que haja uma perda total da identidade delas, e que o rural e o urbano não devem ser vistos como mundos que se opõem, mas que se complementam, e que entre eles existe um *continuum* espacial tanto do ponto de vista da dimensão geográfica e territorial quanto da dimensão econômica e social, levando a surgir novos conceitos de território que se encontram localizados nas proximidades do perímetro urbano.

Souza e Hespanhol (2010) enfatizam que, apesar das comunidades rurais serem definidas como um espaço local de relações diretas e em menor escala, elas não deixam de fazer parte do processo de reprodução do capital e da produção de espaços sociais desiguais.

Schnädelbach (2004, p. 36) atenta para o fato de que, junto com uma expansão física e espacial da cidade sobre o meio rural, houve um alastramento dos valores “urbanos” na subjetividade camponesa. De fato, a maior prevalência do urbano no espaço antes rural o transforma ainda mais em uma mercadoria, incorporando ao espaço cada vez mais valor.

A história do bairro Correinha contada por antigos moradores

Considerando que esse trabalho integra a pesquisa de um Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “A urbanização e reestruturação espacial no bairro Correinha, no município de Piranguçu – MG”, que se encontra em andamento, serão apresentados apenas seus resultados preliminares, a partir da entrevista com alguns moradores mais antigos do bairro rural Correinha.

O território em que hoje se localiza o bairro Correinha era posse do Sr. Pedro Corrêa de Lima, que ocupou as terras por volta da década de 1940. No início da ocupação do território haviam apenas quatro residências, que eram do Sr. Pedro Corrêa de Lima e de sua

esposa, Sra. Benedita Corrêa de Lima, e de três filhos do casal. Muitos se referem ao proprietário do terreno como o “dono do bairro”: “O meu avô, ele chamava Pedro Corrêa [de Lima], o dono do bairro. Minha mãe é filha do Pedro Corrêa” (PINTO FILHO, 2017).

As casas eram distantes umas das outras, e os terrenos dos moradores eram grandes. Aos poucos, foram construindo novas casas e os lotes ficando menores. Porém, ainda não havia nenhum morador estranho à família Corrêa. As novas casas eram ocupadas por filhos, irmãos, tios e primos dos outros moradores. Levou muito tempo até que pessoas “de fora” chegassem, e os moradores mais antigos recordam bem: “[As casas] Era longinho uma da outra. Lá embaixo uma, mais lá no morro outra, aqui mais em riba outra e depois outra. Duas casas aqui em riba e duas lá embaixo” (PINTO FILHO, 2017). “Quando nós entramos no bairro era só a família dos Corrêa mesmo. A chegada dos morador novo foi com a morte do pai, os filhos foram vendendo os lotes pra gente de fora” (VIEIRA, 2017).

Após a morte do Sr. Pedro Corrêa de Lima, cerca de 50 anos atrás, os filhos começaram a dividir os terrenos herdados e vendê-los, e os novos moradores também fizeram o mesmo. Com o tempo, muitas pessoas chegaram para morar no bairro, e hoje o Correinha é um bairro heterogêneo e com um perfil social e econômico muito diferente do início.

As atividades exercidas pelos moradores nos primeiros anos do bairro eram predominantemente agropastoris. Havia muitas plantações e criação de animais como porcos, galinhas, bois e cavalos. Os cavalos eram mais utilizados para transporte e para puxar carroça, onde alguns moradores vendiam os excedentes da produção. Porém, a maior parte dela era para subsistência e para a alimentação dos animais. Além disso, havia muitas trocas de alimentos entre os moradores, e os mesmos faziam jantares e encontros nas casas, onde todos levavam carne ou produtos da lavoura para compartilhar:

Era sortido, mas a maior parte era plantação mesmo. O meu pai plantava cana, muita cana. Nós trabalhava no engenho de fazer rapadura. O Tio Gerardino é café e banana. O meu avô era milho, feijão, arroz, banana, dependia da lavoura pra sobreviver (PINTO, 2017).

“A atividade principal era a lavoura, mexia com galinha, porco. Cada um plantava uma coisa, e nós trocava. Milho café, mandioca” (CORRÊA, 2017).

Muitos dos antigos moradores, inclusive, se aposentaram devido ao trabalho de longos anos nas atividades da lavoura.

Ninguém tinha carro. Os moradores se deslocavam, principalmente para a freguesia de Piranguçu e para Itajubá, a pé, de bicicleta, a cavalo ou de carroça. A estrada era ruim e esburacada, e quando chovia o transporte era impossibilitado:

Tinha a estrada de terra. Aqui no bairro era um trilho que não vinha nem carro em cima aqui, mas quando chegava lá embaixo era estrada de terra que a gente ia pra Piranguçu e pra Itajubá (VIEIRA, 2017).

Percebe-se que o bairro Correinha, no começo, possuía as características rurais presentes em Lima (2007) no que diz respeito principalmente às atividades agrícolas e à homogeneidade da população, que inclusive possuíam graus de parentesco. As modificações do espaço no que diz respeito à apropriação capitalista e à lógica de mercado já ocorriam, porém se acentuaram ao longo do tempo.

O bairro sempre teve predominância de paisagens naturais. Elas foram sendo substituídas gradualmente por construções e áreas desmatadas, mas ainda predominam.

O nome do bairro também tem influência direta com a família Corrêa. Na verdade, não há um nome oficial nem nos registros da Prefeitura.² O bairro, no começo, foi registrado como Morro Frio, e só depois de algum tempo, quando a energia elétrica começou a chegar no bairro, passou a se chamar Correinha, por causa de um dos filhos do Sr. Pedro Corrêa de Lima, que passou a chamar assim o bairro frente aos órgãos oficiais. Também há um outro nome dado ao bairro, Pedro Geraldo:

O Correinha é meu avô. Só que o nome do bairro aqui se você for procurar na internet ou na Prefeitura você vai achar Bairro Morro Frio, mas como depois mudaram, não sei por que, porque tem Pedro Corrêa, tem Correinha e tem Pedro Geraldo. Correinha começou com o meu avô. Foi o meu tio Pedro que colocou. Foi puxar a energia pra cá, e ele colocou: 'Como é que chama o bairro?' 'O bairro é Pedro Geraldo'. Aí depois não sei se foi a água que veio, ficou como Correinha. Mas na verdade, se você for ver na Prefeitura hoje tem, aí começou a vender terra, aquelas coisas, pode ser até que tenha um pouco de Correinha, mas a maioria é Morro Frio. O bairro tá com 3 nomes (PINTO, 2017).

Aqui o nome legítimo era Bairro Morro Frio. Nos documentos tudo tá Bairro [Morro] Frio. Aí com o passar do tempo que inventaram de Correinha, mas o nome aqui no registro tudo é Bairro Morro Frio, e foi batizado por esse nome (PINTO FILHO, 2017).

² Na Prefeitura Municipal de Piranguçu, há alguns registros antigos com o nome Morro Frio, mas atualmente os registros em que aparecem o nome do bairro vêm com três nomes: Morro Frio, Pedro Geraldo e Correinha. De todos eles, Correinha é o mais usado, tanto pela população, quanto pelos Poderes Públicos.

Até pela falta de registros oficiais, não há como saber com exatidão quando o bairro passou a se chamar Correinha. O fato é que Correinha é o nome mais utilizado para identificar o bairro. Foi um nome posteriormente inventado, mas foi totalmente incorporado à identidade do lugar.

Os moradores entrevistados se recordam daquele tempo com saudosismo e emoção. Gostavam da tranquilidade e da vida em um bairro com atividades ligadas ao rural. A relação com os outros moradores era igualmente boa e saudável para a maioria: “A festa que a gente fazia era janta na casa de um, levava as coisa” (BRAZ CORRÊA, 2017). “Amizade sempre tinha, porque morava perto, né? Matava um porco, aí repartia, era assim” (PINTO FILHO, 2017).

É importante notar que os moradores sentem muita saudade das relações de amizade que eles tinham no início do bairro, e deixam bem claro nos seus relatos. Atualmente, com o aumento significativo da população, não há mais essas relações tão estreitas: “A gente tinha amizade com eles [os outros moradores], a gente conhecia. Hoje que tem gente que a gente não conhece, entende?” (VIEIRA, 2017).

Porém, o sentimento para com essa relação do passado não é consenso:

Amizade não era boa não (risos). É porque era um povo muito rígido, os Corrêa. Hoje é bem diferente, ninguém tem inimigo. Hoje o povo é mais chegado à igreja, então tá mais fácil perdoar, pra começar de novo. De primeiro não tinha perdão. A inimizade ficava. Eu acho que hoje tá muito mais mudado, porque tem mais entendimento (PINTO, 2017).

O que é consenso para os moradores mais antigos é o sentimento para com o lugar. Eles criaram uma identidade com o bairro, o amam e não pretendem deixá-lo. Alguns deles já moraram fora, inclusive na cidade, mas voltaram pois não criaram laços identitários tão intensos quanto como no bairro Correinha: “Eu sinto amor, de não vender, de repartir com os filhos” (PINTO FILHO, 2017). “Eu sinto bem, uma paz, tranquilo” (BRAZ CORRÊA, 2017).

Eu gosto. Foi o lugar que eu nasci e me criei. Já saí fora mas não acostumei e voltei. A gente tem amor no lugar que foi criado, né? E é o lugar que a gente tem o sentimento, a lembrança do passado, dos tios, dos avôs, dos pais, que já foram mas deixaram a lembrança. O amor do berço fez mais forte eu voltar (CORRÊA, 2017).

As mudanças e o novo perfil do bairro Correinha

Após a morte do Sr. Pedro Corrêa de Lima as terras do bairro Correinha começaram a ser loteadas e vendidas para outras pessoas. Os novos proprietários, que não faziam parte da família Corrêa em sua maioria, também lotearam e venderam seus terrenos para outras pessoas, e essas práticas foram sendo comuns e existem até hoje no bairro: “[As outras famílias] Foi chegando com o passar do tempo depois que ele morreu. Aí repartiu as terras e foi aí que começou a vim gente de fora. Ele morreu, a data eu não sei” (PINTO FILHO, 2017).

As características urbanas foram surgindo gradativamente. A partir do final da década de 1980, boa parte dos moradores do bairro já eram estranhos à família Corrêa, e esses moradores já exerciam atividades ligadas ao comércio e à indústria. As atividades agrícolas foram sendo suprimidas, e hoje somente um morador, que não pertence à família Corrêa, exerce o trabalho na lavoura e na venda de leite e produtos agrícolas. Hoje o bairro Correinha funciona como um “bairro dormitório”, pois há um grande movimento pendular de mão-de-obra, principalmente para a cidade de Piranguçu e para Itajubá.

Atualmente o bairro possui aproximadamente cem casas construídas, e em relação à infraestrutura o bairro recebe, hoje, serviços de abastecimento de água, luz elétrica, canalização do esgoto, pavimentação, iluminação, coleta de lixo e ponto de ônibus, porém, ainda de uma forma precária em alguns pontos. Mas nem sempre foi assim.

Não havia, até a época da morte do Sr. Pedro Corrêa de Lima, nenhum serviço de infraestrutura. O caminho, como era chamado pelos moradores, foi aberto dentro do bairro pelos próprios, e não era largo a ponto de passar carros por ele, já que também ninguém tinha. Não havia água encanada, luz elétrica e nem esgoto encanado, e o lixo era sempre descartado em outros lugares, queimado ou reaproveitado. A rodovia também não era asfaltada, e não havia iluminação pública. A infraestrutura chegou recentemente:

A luz veio entre 1980 e 1985. A água deve ter chegado em 2000. Fizeram um poço artesiano mas não deu certo. O esgoto veio depois da luz. O lixo tem menos de dez anos. O calçamento veio em 2000 (CORRÊA, 2017).

Outro ponto importante para a compreensão das mudanças no bairro foi a construção da Igreja de São José, por volta de 1995. Antes dela, as pessoas iam à missa e frequentavam festas religiosas somente na cidade de Piranguçu.

Começou como um rancho de pau-a-pique, onde as pessoas iam rezar. Depois de um tempo a igreja foi construída, e desde então, há missas e procissões religiosas. As festas religiosas começaram com a construção da igreja:

Aqui no bairro começou as festas religiosas depois que fizeram a igreja há 22 anos. Aí começou com uma festa, e essa festa ainda foi feita numa barraca, pra gente começar a igreja. Foi a primeira festa que teve, religiosa (VIEIRA, 2017).

Tinha [festas religiosas] desde o começo. Vinha da igreja, a gente enfeitava a rua com bananeira, bambu, bandeirinha, e reunia as casa numa só, aí vinha a imagem nas casas, cada dia numa casa com procissão, e amanhecia. Chegava de madrugada e fazia comida, nos panelão, de arroz, e muito café. Hoje continua de outra maneira. De religioso tem a novena. No natal e fim de ano a igreja movimenta (PINTO, 2017).

A igreja funciona como um local de socialização entre os moradores do bairro. Lá eles se encontram, conversam, combinam festas e outras comemorações e rezam. É um ponto de encontro do bairro por excelência. As crianças também se encontram na igreja para brincarem.

Há também todos os anos a Festa de São José, onde alguns moradores preparam comidas, como pastéis e cachorros quentes, para vender e arrecadar fundos para a manutenção da própria igreja. Muitos moradores doam ingredientes e fornecem mão-de-obra para a realização da Festa. A igreja está localizada no terreno de um dos netos do Sr. Pedro Corrêa de Lima, e a escolha de seu padroeiro tem também ligação direta com a família Corrêa:

Era festa do padroeiro, de São José, porque São José, tá dentro da área do meu pai, e meu pai chamava José [genro do Sr. Pedro Corrêa de Lima], então já começaram com São José, uma que tem o Marreco [irmão do entrevistado] que é José, ele sempre foi o 'presidente', era sempre ele na frente. Foi mais por causa do papai. Colocaram a imagem de São José e começou a rezar, e quando começou a aumentar a comunidade de oração, fizeram a capela (PINTO, 2017).

E finalmente, por conta de todas essas mudanças, o Poder Público Municipal está cobrando, desde 2015, uma taxa de contribuição de melhoria, principalmente pelos serviços recentes de infraestrutura prestados. Muitos moradores dizem que o imposto pago é o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), mas essa informação é desmentida pelos funcionários da administração municipal. O secretário de fazenda e planejamento do município de Piranguçu, Sr. Renato Aparecido Vieira, disse que o valor pago é referente à já citada taxa,

pois o bairro ainda não está urbanizado³, e que o fato de muitos moradores pensarem que estão pagando o IPTU se deve a um erro de impressão, onde até 2016 a taxa era impressa na mesma guia do IPTU, que é cobrado somente no perímetro urbano do município.

O histórico do bairro Correinha e as mudanças que ocorreram nele são muito importantes para se entender o que o bairro representa hoje e entender os motivos que levam à sua urbanização. Além disso, faz-se importante divulgar a riquíssima história por trás dele.

Considerações finais

O município de Piranguçu se caracteriza pela predominância de pequenas propriedades e bairros rurais extensos. O bairro Correinha é um desses bairros, porém já está sofrendo um processo de transformação em bairro urbano e logo fará parte da malha urbana do município. A vida tradicional rural já não mais existe nele, e as relações e comportamentos de seus moradores já não são as mesmas de quando o bairro possuía características “ruralizadas”.

A apropriação do capital faz com que os espaços se modifiquem, de maneiras positivas e negativas. O espaço é constantemente mudado pelos interesses sociais, políticos e de mercado, e as transformações no bairro Correinha são frutos desses interesses. É importante ressaltar que as decisões tomadas em um determinado espaço trazem consequências para o local e para seu redor, assim como para os seus habitantes e visitantes.

Por fim, entender o histórico do bairro Correinha é mais do que saber somente sobre seu passado. É analisar o seu presente e relacionar os acontecimentos, assim como fazer prognósticos acerca do futuro.

³ Segundo o secretário há um projeto de urbanização do bairro, que ainda não foi colocado em prática. Ainda segundo ele, o bairro será urbanizado por conta das mudanças ocorridas e pela perda das características predominantemente rurais de antes.

Referências

BRAZ CORRÊA, Maria Aparecida. Entrevista concedida a Fábio Kléber Claro da Silva, em 21 de maio de 2017.

CORRÊA, José Antônio. Entrevista concedida a Fábio Kléber Claro da Silva, em 21 de maio de 2017.

_____, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP** – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 30, pp. 05-12, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/geousp/article/viewFile/74228/77871>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

COUTINHO, D. M. **Caracterização do bairro São Judas Tadeu no município de Pouso Alegre/MG: entre o rural e o urbano**. 2011. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia – Bacharelado) – Instituto de Ciências da Natureza, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas. 2011.

FRESCA, T. M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, Fortaleza, volume 9, número 20, p. 75-81, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/mercator/article/view/700/677>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

GOOGLE INC. **Google Earth**. Version Pro. 2017. Santa Clara, CA. Disponível em: <<http://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>>. Acesso em: 31/08/2017.

HALLEY, B. M. Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual. **GEOUSP** – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, set./dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/município/3150901>. Acesso em 11/09/2017.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP** – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 24, pp. 109-123, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098/77740>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

LIMA, M. H. P. **Cidade-campo, urbano-rural: uma contribuição ao debate a partir de pequenas cidades em Minas Gerais**. 2007. 271 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Dezembro de 2007.

PINTO, Geraldo Vieira. Entrevista concedida a Fábio Kléber Claro da Silva, em 20 de maio de 2017.

PINTO FILHO, José Vieira. Entrevista concedida a Fábio Kléber Claro da Silva, em 20 de maio de 2017.

SCHNÄDELBACH, C. V. **A noção da ruralidade e a construção identitária de agricultores em um meio citadino: o caso da Vila Nova e arredores** – Porto Alegre/RS. 2004. 139f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências

Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/4548>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

SOUZA, P. C.; HESPAHOL, A. N. Bairros rurais e resistência: a formação das comunidades rurais no oeste paulista. **CAMPO-TERRITÓRIO**: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 5, n. 10, p. 168-193, ago. 2010.

VALE, A. R. **Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano do município de Araraquara (SP)**. 2005. 211 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2005.

VIEIRA, Maria Aparecida da Luz. Entrevista concedida a Fábio Kléber Claro da Silva, em 20 de maio de 2017.